



## **O LAZER NO ILÊ AIYÊ: INSPIRAÇÕES DO MOVIMENTO NEGRO PÓS-ABOLIÇÃO?**

**Anália de Jesus Moreira<sup>1</sup>**

*nanamoreiraam@ufrb.edu.br*

**Maria Cecília de Paula Silva<sup>2</sup>**

*cecilipaula@yahoo.com.br*

<sup>1</sup>**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)**

<sup>2</sup>**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**

### **RESUMO**

Este texto integra um dos capítulos da tese de doutoramento “As concepções de corpo na Associação cultural Bloco Afro Ilê Aiyê: um estudo a partir da história do bloco e das práticas pedagógicas das escolas Banda Erê e Mãe Hilda”, produzida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (2013). Trata-se de uma pesquisa histórica sobre os Movimentos Negros Organizados pós-abolição e suas formas de organização social e política, a partir do Lazer, da Cultura, das Artes e da Educação.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Lazer; Cultura; Sociedade*



## UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O SURGIMENTO DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ

Em 1º de novembro de 1974 nascia com o Ilê Aiyê<sup>1</sup> uma nova estética<sup>2</sup> negra numa cidade onde a maioria da população não se fazia representar de forma tão performativa. Do impacto cênico inicial gerado pelo desfile em 1975, o processo edificou-se depois na assunção de identidade social. Jornais da época, políticos e intelectuais dividiram as repercussões de tal impactante desfile de apelo afrocentrista<sup>3</sup>.

A relevância do desfile do Ilê se deu a partir do contexto social, notadamente marcado por um clima internacional de tensões raciais. Afirmamos ter sido marcante a influência do processo emancipatório da negritude norte-americana nas maneiras de manifestações do Ilê Aiyê, pois a época denotava sentimento mundializado a partir dos *Black Power* americanos e dos *Panteras Negras*, movimentos que marcaram a luta dos negros estadunidenses, clamando por liberdade e fim da opressão política e cultural.

Por isso ficou patente no desfile de 1975 a intencionalidade da africanização como forma de aproximação comunitária idealizada pelos jovens criadores do Ilê Aiyê, residindo neste aspecto a originalidade do bloco que se assumiu como associação cultural em 1986, ano considerado marco da disposição do Ilê Aiyê nas ações afirmativas por meio da cultura, do lazer e da educação.

## O LAZER NO ILÊ AIYÊ: INSPIRAÇÕES DO MOVIMENTO NEGRO PÓS-ABOLIÇÃO?

Com a assunção de entidade carnavalesca, o Ilê não deixou para trás os objetivos políticos e culturais: luta antirracismo e propagação da cultura africana e afro-brasileira. As temáticas do bloco passam então a ser preparadas, formatando uma mensagem única, estampada nas festas, nas mensagens das canções e especialmente nas vestimentas do carnaval. Para compreender a dimensão do lazer no Ilê Aiyê, primeiro é preciso traçar um conceito sobre ele mais aproximado de sua ligação com agremiações. Esta dimensão está exposta neste trecho de Huizinga, (2000):

[...] Atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. (HUIZINGA, 2000, p.13-14).

Outro conceito mais emergente sobre organização comunitária e lazer é o de Rodrigues, (2003, p.193). Diz a autora que o fenômeno da globalização que recria as desigualdades, exige das bases populares uma postura de vigilância política e auto-gestão de suas práticas de lazer. Para ela, é preciso criar laços entre os oprimidos para uma convergência de forças capaz de contrapor o sistema e alimentar a utopia. “Como o esporte e o lazer fazem parte da transformação social, construindo, portanto, nossa utopia, é necessário aprofundar cada vez mais os debates nessa área, visando à formação e ao desenvolvimento dos recursos humanos em políticas públicas”. Esse formato de agremiação faz lembrar a luta antirracista das primeiras décadas após a abolição, quando são criadas, no âmbito do lazer, as Entidades dos Homens de Cor para congregar comunidades libertas, uma forma de organizar e atuar para garantir emprego, renda e lazer. Podemos citar brevemente as principais agremiações negras pós-abolição com um recorte temporal também conciso: Primeira República, surge o Clube 28 de setembro, fundado em 1897, em São Paulo. 1931 é fundada a Frente Negra Brasileira que teve forte presença na Bahia, segundo Silva (2002). Diz a autora, que a “formalização da Frente foi precedida das irmandades e associações beneficentes e operárias”. (p.144). Comenta Silva (2002), que a Frente Negra era “caracterizada como um movimento político de massa,

1 Ilê Aiyê – Como popularmente ficou conhecida a sede do bloco no bairro do Curuzu.

2 Sentido de teoria da criação, comportada em condições individuais, sociais e históricas.

3 Termo que pode dimensionar a posição do negro na diáspora a partir da defesa de seu pertencimento e identidade africano. Pode também significar uma posição político-ideológica em contraponto ao racismo.



integracionista e de reação à discriminação do negro no mercado de trabalho”. O fundador da Frente na Bahia, Marcos Rodrigues dos Santos ampliou as ações do movimento, promovendo também a visibilidade para as mulheres negras, instituindo um quadro feminino dentro da própria organização política. Assim, em 1937, ao congregar filiados negros e não negros passou a ser chamada de “União Negra”.

Da segunda república até a ditadura militar (1945-1964), surge o UHC, União dos Homens de Cor. Na República Nova, o Movimento Negro reiniciava sua organização, mas o golpe militar de 1964 tinha deixado marcas profundas tais como a estigmatização dos dirigentes negros, acusados de incitar uma discussão racial combatida pelos militares. Só a partir de 1970, é fundado em São Paulo, em 1972, o Centro de Cultura e Arte Negra, CECAN, formado por um grupo de artistas e estudantes. De Porto Alegre veio o Grupo Palmares, primeiro a defender a troca da festa do 13 de maio para o dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares e finalmente em 1976, é criado também no Rio, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, IPCN.

Em 1978, com a criação do Movimento Negro Unificado, MNU, o Movimento Negro volta à cena com outra face: O MNU se firma na educação e exige dentre outras reivindicações a introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, se antecipando a Lei Nº 10.639/2003 sancionada no primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Este protagonismo também se deu na Arte, mais precisamente nas artes cênicas com a criação do Teatro Experimental do Negro, TEN. Surgido no dia 13 de outubro de 1944, o cenário artístico nacional e a mídia já rejeitavam o corpo negro ostensivamente em várias áreas, a exemplo da TV, do Rádio, do Teatro e do Cinema. Neste aspecto é preciso posicionar Arte para o movimento negro. Para Almeida, (2017, p.12): “A arte e a cultura se transformaram em produto da Indústria Cultural, as pessoas passaram a ser consumidores em potencial!”. Para compreender melhor as ações do TEN, precisamos dimensionar um conceito de Cultura. O que nos parece mais aproximado vem justamente de um ícone do pensamento negro, Cheik Anta Diop:

[...] Eu considero a cultura um baluarte que protege um povo, uma coletividade. A cultura deve acima de tudo desempenhar uma função protetora; ela deve assegurar a coesão do grupo. Seguindo esta linha de pensamento a função vital do corpo de ciências humanas, é desenvolver este senso de bens coletivos através de um reforço da cultura. Isso pode ser feito desenvolvendo-se o fator linguístico, restabelecendo-se a consciência do africano e do negro a ponto de fazê-los chegar a um sentimento comum de pertencimento ao mesmo passado histórico e cultural. (DIOP, 2007, p. 308, apud SILVA, 2011).

Abdias do Nascimento foi o primeiro a denunciar a necessidade de ver o Brasil pelo ângulo de sua pluriracialidade. O fez no livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*, onde defende a ideia de que o país deveria ser considerado plurirracial. Segundo Munanga, (2006, p.98): “Ou a sociedade brasileira é democrática para todas as raças e lhes confere igualdade econômica, social e cultural, ou não existe uma sociedade plurirracial”.

## RESULTADOS

Dimensionar Lazer como processo emancipatório no Ilê Aiyê, é consentir o protagonismo negro na luta contra o racismo. Isto amplia o significado de Lazer para alocá-lo em uma engrenagem sócio-cultural-histórica abrangente e simbiótica. Isto foi construído nas primeiras décadas pós-abolição, portanto, se trata de um movimento politizador do Lazer, das Artes e da cultura para além da celebração ou criação de seus mecanismos. É pela via do Lazer, da Arte e da Cultura que o Ilê manifesta sua capacidade de contrapor a um sistema racista e desigual, impondo sua resistência nas letras músicas, na dança e no modo de educar. Ao incluir o Lazer como elemento politizador, os movimentos negros inspiraram agremiações futuras a exemplo do Ilê Aiyê e movimentos culturais contemporâneos do hip hop a chamada poesia periférica Desta forma, ganha o Lazer uma dimensão maior do que os sinônimos a ele atribuídos historicamente, a exemplo do ócio, tempo livre ou atividade compensatória do labor, valorizando este campo do conhecimento afirmado como direito constitucional, firmado nas necessidades fundamentais humanizadoras e emancipatórias como a Cultura, as Artes e a Educação.



## THE LEISURE IN ILÊ AIYÊ: INSPIRATIONS OF THE POST-ABOLITION BLACK MOVEMENT?

### ABSTRACT

This text integrates one of the chapters of the doctoral thesis "The conceptions of body in the Cultural Association Bloco Afro Ilê Aiyê: a study from the history of the block and the pedagogical practices of the Banda Erê and Mãe Hilda" schools, produced at the Faculdade de Educação da Federal University of Bahia (2009-2013). It is a historical research on the Black Movements Organized post-abolition and its forms of social and political organization, from Leisure, Culture, Arts and Education. The methodology involves a historical and bibliographical research, targeting the course of several black movements in Brazil, from the Black Front Brazilian until the emergence of Ilê Aiyê. For the theoretical foundation, we reflect on authors who study the theme of Afro-Brazilian culture and history and leisure, like SILVA (2002); MUNANGA (2006); RODRIGUES (2003); HUIZINGA (2000) and SILVA (2010). Leisure in this sense is assumed by the community, establishing the Africanization of the carnival of Salvador. As a result, we aim to unveil the practice of Leisure as a founder for the political, social and cultural organization of Brazilian black movements.

**KEYWORDS:** *Leisure; Culture; Society*

## EL OCIO EN EL ILÊ AIYÊ: ¿INSPIRACIONES DEL MOVIMIENTO NEGRO POSTERIOR A LA ABOLICIÓN?

### RESUMEN

"El concepto de cuerpo en la Asociación Cultural Bloco Afro Ilê Aiyê: un estudio a partir de la historia del bloque y de las prácticas pedagógicas de las escuelas Banda Erê y Madre Hilda", producida en la Facultad de Educación de la Escuela Universidad Federal de Bahía (2009-2013). Se trata de una investigación histórica sobre los Movimientos Negros Organizados post-abolición y sus formas de organización social y política, a partir del Ocio, la Cultura, las Artes y la Educación. La metodología involucra una investigación histórica y bibliográfica, teniendo como objetivo el recorrido de varios movimientos negros en Brasil, a partir del Frente Negra Brasileña hasta el surgimiento del Ilê Aiyê. Para el cimiento teórico reflejamos en autores que estudian la temática de la cultura e historia afrobrasileña y el ocio, a ejemplo de SILVA (2002); MUNANGA (2006); RODRIGUES (2003); HUIZINGA (2000) y SILVA (2010). El ocio en este sentido es asumido por la comunidad, estableciendo la africanización del carnaval de Salvador. Como resultado, pretendemos desvelar la práctica del Ocio como fundante para la organización política, social y cultural de los movimientos negros brasileños.

**PALABRAS CLAVES:** *Ocio; la cultura; La sociedad.*

### REFERÊNCIAS

- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. 4a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RODRIGUES, R.P. "Lideranças comunitárias que atuam no desenvolvimento de esporte e de lazer: voluntários de Porto Alegre". In: MARCELLINO, N.C. (Org). *formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte*. Campinas: Papirus, 2003.
- SILVA, A. C. Movimento negro brasileiro e sua trajetória para inclusão da diversidade étnico-racial. *Revista FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*. v.11, n.17.p.139-151, 2002.
- SILVA, E. J. *Um caminho para a África são as sementes: histórias sobre o corpo e os jogos africanos mancala nas aprendizagens da educação das relações étnico-raciais*. dissertação de mestrado em Educação e Práxis Pedagógica, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

